

14

Pela ducentésima trigésima quarta vez Eunice acorda no mesmo barraco de madeira, ouvindo o barulho das motos roncando lá fora. Quando notou a repetição das imagens, ruídos e odores, lembrou todas as cenas que iria viver, ou melhor, reviver. Não fazia muito sentido, mas parecia que a ordem cronológica dos acontecimentos já estava previamente estabelecida, num círculo vicioso do qual não conseguia escapar.

Também incomodava a estranha sensação de estar sendo observada vinte e quatro horas por dia, sem conseguir encontrar qualquer motivo que justificasse tal coisa. Chegava a sentir o olhar fixo de alguém em cada ato seu, como se sua história fosse capaz de despertar nos outros uma grande curiosidade. Por que iriam querer saber o que se passa com uma mulher tão pobre feito ela? Embora tais pensamentos não lhe saíssem da cabeça, preferiu deixá-los de lado e partir para enfrentar a vida, que já tinha problemas suficientes para ocupar todo o seu dia.

Desde que fora informada do assassinato de seu marido pelo "crime organizado", nunca mais Eunice teve um momento de paz ou felicidade. Vivia falando que os marginais não mataram apenas seu companheiro, mataram principalmente sua alegria de viver. Aos olhos de Eunice, não havia cidadão mais pacato, honesto e trabalhador que Clóvis, um homem que saía de casa antes de amanhecer o dia e só retornava à noite, sem nunca se meter em confusão. Dizem que ele foi morto por ter se recusado a traficar drogas.

Clóvis teria chegado a falar com a esposa sobre o assédio por parte daqueles que distribuía cocaína, maconha e craque nos bairros mais ricos do Rio de Janeiro. Como vivia reclamando de frequentes ameaças recebidas, Eunice já tinha acertado a mudança para o final do mês, mas antes disso, encontraram o corpo de um homem carbonizado junto a fragmentos das roupas de Clóvis, além da sua carteira com documentos. Na opinião dos moradores da comunidade, aquilo seria obra do Sombra, um bandido que acabara de tomar o poder na favela. Era chamado assim porque ninguém sabia quem ele era nem onde se escondia.

Após o choque, a primeira atitude de Eunice foi procurar o comandante do batalhão de polícia responsável pela região onde morava. Ela se propôs a trabalhar



como informante para descobrir onde o chefe do tráfico se escondia, mesmo sabendo que se fosse descoberta acabaria carbonizada, conforme acontecia com os inimigos do Sombra. A proposta de Eunice vinha mesmo a calhar, pois estavam querendo pacificar o Morro da Cachoeira. Ela se encaixava perfeitamente nos planos da polícia, já que representava a figura da viúva que vendia doces e salgados de porta em porta para sobreviver. Se fosse cuidadosa talvez não levantasse suspeita.

No caminho para entregar suas encomendas, a corajosa mulher prestava atenção no movimento das pessoas transitando pelas ruas, nas conversas de bar. Frequentemente passava pelo local onde tinham encontrado os restos da roupa de seu marido, e saía de lá com lágrima nos olhos. Uma vez, coincidiu de estar lá perto justamente quando levavam à força um jovem na direção dos pneus onde as pessoas eram queimadas vivas. Afastou-se ouvindo os gritos do rapaz que acabara de ser condenado à morte. "Deve ter ocorrido de forma semelhante com o meu Clóvis", pensou Eunice cheia de ódio. Ao mesmo tempo em que jurava vingança, sentia um terrível medo de ser descoberta pelos bandidos.

Mas a procura de Eunice parecia inútil. Por mais que andasse, não encontrava nem rastro do chefe dos bandidos, que parecia não estar em lugar nenhum. Só que um dia, ela percebeu algo diferente daquilo que normalmente acontecia no bairro. Primeiro avistou alguns adolescentes montados em bicicletas observando cuidadosamente cada parte do caminho e passando as informações por celular. Passados alguns instantes, vieram motos pilotadas por homens fortemente armados, que davam cobertura aos carros blindados. O homem procurado deveria estar num daqueles veículos cujos vidros eram cobertos por películas escuras.

Tentou seguir o comboio sem chamar atenção. O bando cruzou várias ruas, até que finalmente parou nas proximidades de uma casa abandonada. De repente, ocorreu uma dispersão do grupo, ao mesmo tempo em que uma pessoa encapuzada adentrava sorrateiramente seu esconderijo. Em poucos minutos, tanto os carros quanto as bicicletas e motos haviam sumido. Astuta, Eunice tinha percebido o que acabara de acontecer. Olhando em volta, constatou que os imóveis ao redor de onde o homem com capuz entrara se encontravam repletos de capangas armados. Um deles, desconfiado, foi correndo em direção à mulher, o que a fez apertar o passo a fim entregar os doces numa casa da rua, acabando assim com as suspeitas. Agora já se sabia o necessário para dar início à ação policial.

Para invadir o reduto dos marginais, a polícia lançou mão de helicópteros, tropas de elite e até tanques de guerra. O Sombra, que já sabia antecipadamente o que fazer num momento de perigo, utilizou-se de várias pessoas encapuzadas correndo em direções diferentes a fim de dividir as atenções da força policial. Enquanto muitos asseclas com capuz eram presos ou baleados, o verdadeiro chefe do morro conseguia despistar a polícia e alcançar o prédio vizinho, estrategicamente adaptado para casos de emergência. Ele já estava praticamente fora do cerco, se preparando para escapar numa moto trazida pelos comparsas, quando a polícia percebeu a manobra. E após um intenso tiroteio, o homem mais poderoso de todas as comunidades cariocas estava morto.

Ao descobrirem seu rosto, veio a surpresa chocante: o grande criminoso era nada mais, nada menos que Clóvis, o mais pacífico morador do morro, e que ainda por cima era dado como morto. A mulher dele, no entanto, não ficou nem um pouco impressionada com o surpreendente desfecho do episódio, afinal, ela já estava acostumada a ver aquilo tudo acontecer exatamente do mesmo jeito.